

UM BALANÇO DA HISTORIOGRAFIA SOBRE FESTAS ESCOLARES (2000-2021)¹

A REVIEW OF THE HISTORIOGRAPHY OF SCHOOL PARTIES (2000-2021)

UN BALANCE DE LA HISTORIOGRAFÍA SOBRE LAS FIESTAS ESCOLARES (2000-2021)

Aline Ribeiro de Oliveira²
Juarez José Tuchinski dos Anjos³

Resumo: Efetuando um recorte dentro do campo da história da educação, o objetivo deste artigo é empreender um balanço das pesquisas sobre um tema específico da história das culturas escolares: as festas escolares. Em termos metodológicos foram consultados periódicos da área de História da Educação, o banco de Teses da CAPES e o Google Scholar. O trabalho mais antigo localizado neste levantamento foi publicado no ano de 2000 e os mais recentes foram publicados no ano de 2021. Em termos teóricos, o trabalho ancorou-se em procedimentos da pesquisa historiográfica. Ao final do percurso analítico empreendido, o levantamento permitiu identificar que tipos de festas escolares têm sido investigadas pelos historiadores e historiadoras, os espaços geográficos mais visitados pelas pesquisas, a periodização adotada nos estudos, os aspectos das festas escolares mais evidenciados e questões que podem ser abordadas e aprofundadas em estudos futuros.

Palavras-chave: Historiografia da Educação; Culturas Escolares; Festas Escolares.

Abstract: With focus within the field of history of education, this paper is aimed at carrying out a review of the research on a specific theme of the history of school cultures: school parties. In methodological terms, journals in the area of History of Education were explored, as well as the CAPES Thesis Database and Google Scholar. The oldest work found in this survey was published in 2000, and the most recent ones were published in 2021. In theoretical terms, the work was based on procedures of historiographical research. At the end of the analytical course, the survey allowed the identification of what types of school parties have been investigated by historians, the geographic spaces most accessed by research, the periodization adopted in the studies, the most evidenced aspects of school parties, and issues that may be approached and further reviewed in future studies.

Keywords: Historiography of Education; School Cultures; School Parties.

Resumen: Haciendoun corte dentro del campo de la historia de la educación, el objetivo de este artículo es realizar un balance de investigación sobre un tema específico en la historia de las culturas escolares: las fiestas escolares. En términos metodológicos, se consultaron revistas del área de Historia de la Educación, el Banco de Tesis de la CAPES y Google Scholar. El trabajo más antiguo ubicado en esta encuesta se publicó en el año 2000 y los más recientes se publicaron en el año 2021. En términos teóricos, el trabajo se ancló en procedimientos de investigación historiográficos. Al final del curso analítico emprendido, la encuesta permitió identificar qué tipos de fiestas escolares han sido investigados por los historiadores, los espacios geográficos más visitados por las investigaciones, la periodización adoptada en los estudios, los aspectos de las fiestas escolares más evidentes y las preguntas que pueden ser abordados y profundizados en futuros estudios.

Palabras clave: Historiografía de la Educación; Culturas escolares; Fiestas Escolares.

¹ Esta pesquisa contou com apoio financeiro do Edital DPI/DPG Nº 02/2022 da Universidade de Brasília, a quem registramos agradecimentos.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. alineribeirorb@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0722-220X>

³ Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Modalidade Profissional, da Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. juarezdosanjos@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0003-4677-5816>

INTRODUÇÃO

Nos últimos trinta anos o campo da história da educação no Brasil conheceu uma expansão quantitativa e qualitativa. Quantitativamente, multiplicaram-se o número de associações científicas dedicadas à temática; ampliaram-se e consolidaram-se grupos de pesquisa cadastrados no Diretório do CNPq que têm a história da educação como seu foco central; incrementaram-se a fundação de linhas de pesquisa no interior de Programas de Pós-Graduação em Educação; disseminaram-se eventos científicos nacionais, regionais e locais dedicados à discussão e divulgação de investigações sobre o passado educacional (especialmente em tempos de pandemia e em formato remoto) sem falar no prestígio e aumento significativo de periódicos nacionais consagrados ao assunto⁴. Qualitativamente, abandonou-se a história das ideias pedagógicas – muito frequentada durante boa parte do século XX – para praticar-se uma história intelectual da educação. Mas não só. Tem sido produzida, também, no diálogo com diferentes vertentes historiográficas – como a história cultural, a história social, a micro-história italiana e a história transnacional (apenas para falar das mais recorrentes) – uma história das instituições escolares, da profissão docente, da formação artesanal e profissional de professores, dos impressos e da imprensa educacionais, das diferentes formas de socialização das gerações mais jovens, das relações de gênero e étnico-raciais, da infância escolarizada, do patrimônio histórico-educativo e, em especial e sem a

pretensão de esgotar o ementário, uma história das práticas e das culturas escolares.⁵

No que diz respeito à história das práticas e das culturas escolares, conhecemos hoje com relativa profundidade o interior da sala de aula de outros tempos, dentro da qual se opera com aquele conjunto de normas e práticas mobilizadas de acordo com finalidades educativas diversas, conforme definiu a cultura escolar, em estudo hoje clássico, o historiador francês Dominique Julia (2001). Dentro dessa seara, de fato, abrem-se uma infinidade de subtemas à pesquisa histórica: história das práticas de leitura e escrita, história dos métodos de ensino, história das práticas e escritas ordinárias, história dos exames escolares, história das premiações e das punições escolares, história dos materiais (e das materialidades) escolares, etc. Tamanha é a profusão temática que tem se tornado de grande valia os balanços de produção sobre determinados tópicos, na medida em que registram uma memória intelectual do campo ao mesmo tempo em que ajudam a apontar o que já se conhece sobre determinado assunto e o que ainda vale a pena investigar e aprofundar em estudos futuros⁶.

Diante do exposto, efetuando um recorte dentro do campo da história da educação aqui esboçado, o objetivo deste artigo é empreender um balanço das

⁴ Para uma visão geral mais ou menos atual dessa expansão quantitativa, remetemos aos estudos de Gondra (2005), Hayashi e Ferreira Júnior (2010), Bastos (2016) e Vieira *et al.* (2019).

⁵ Sobre as temáticas que emergiram nas últimas décadas no campo da história da educação brasileira, vejam-se os trabalhos de Faria Filho e Vidal (2005), Lopes e Galvão (2011) e Buffa (2016), dentre outros.

⁶ Exemplos de balanços gerais são os efetuados por Catani e Faria Filho (2005) e Souza (2019). Já como exemplos de balanços locais ou sobre temas específicos, podem ser mencionadas as pesquisas de Anjos (2017), Bencostta (2020) e Warde (2021), dentre outras.

pesquisas recentes sobre um tema específico da história das culturas escolares: as festas escolares. Que festas escolares têm sido investigadas pela historiografia? Quais as regiões mais visitadas pelos estudos? Que períodos são os mais/menos contemplados pelos/as historiadores/as? Que aspectos da história das festas escolares têm sido evidenciados? Que outros ainda pode-se evidenciar? São essas as questões que procuraremos responder neste estudo.

Em termos metodológicos, utilizamos como bases de consulta, periódicos da área de história da educação, a saber: Revista Brasileira de História da Educação, Revista História da Educação – ASPHE – UFRGS, Cadernos de História da Educação, Revista HISTEDBR On-line, Revista de História e Historiografia da Educação e HISTELA – Revista Latino Americana de História da Educação. A busca também se deu no banco de Teses da CAPES e no Google Scholar (este último abarcando publicações em eventos e outros periódicos para além daqueles especializados no campo histórico-educacional). Como palavras-chave procuradas nos diretórios, utilizamos o descritor “festas escolares”. Após o retorno da busca, foi feita uma seleção pela leitura dos títulos e resumos, chegando a um total de 24 trabalhos abordando as festas escolares em perspectiva histórica, constituídos por teses, dissertações e artigos científicos. O trabalho mais antigo localizado neste levantamento foi publicado no ano de 2000 e os mais recentes foram publicados no ano de 2021.

Em termos teóricos, o trabalho ancorou-se em procedimentos da pesquisa historiográfica. A historiografia, como explicam Kalina e Maciel Silva, “é uma forma de analisar os mecanismos que envolvem a produção do discurso dos historiadores,

percebendo esses discursos em relação ao tempo e a sociedade em que cada historiador está inserido.” (SILVA e SILVA, 2009, p. 190). Ou seja, trata-se de perceber a escrita histórica como produto de um lugar (CERTEAU, 2002), que revela interesses socialmente partilhados pela comunidade de historiadores, frutos do seu tempo, que os levam a colocar sua atenção em determinados aspectos do passado que se propõem a analisar, deixando, necessariamente, outros aspectos em descoberto, cujas lacunas a serem preenchidas se constituem no espaço de atuação a ser percorrido pelos pesquisadores que chegam depois deles, fazendo do conhecimento histórico um empreendimento solidário, nunca solitário.

Para fins de análise, adotou-se uma leitura verticalizada em sequência cronológica, indo dos trabalhos que abordam períodos mais recuados para os mais recentes, independente das datas em que foram originalmente defendidos/publicados. Nessa leitura é explorado o conteúdo de cada trabalho e os aspectos das festividades escolares sobre os quais lançam luz. Após esta exposição, numa leitura horizontal, são retomadas as questões acima enunciadas e tecidas algumas considerações sobre as respostas a que se pode chegar através do percurso aqui empreendido, a mote de uma conclusão. Esta, inclusive, é a estrutura em que está organizada a análise e a narrativa historiográfica do artigo.

ANALISANDO UMA HISTORIOGRAFIA SOBRE AS FESTAS ESCOLARES

As Festas escolares durante a Primeira República

Em nossas buscas, destacamos as publicações da autora Renata Marcílio Cândido. Ela se torna referência no tema das festas escolares, com grande número de trabalhos. Numa análise temporal de suas pesquisas, elencamos temáticas relevantes ao nosso objeto. Em sua dissertação (CÂNDIDO, 2007), a autora faz uma investigação histórica das festividades escolares, do papel delas na construção do sistema público e estatal de ensino e da propagação de um ideal de escola e sociedade, no recorte de 1890 a 1930, em São Paulo. As festas escolares manifestam a cultura escolar do período, sendo essas celebrações regidas por normas, com seus dias de celebração e procedimentos a serem seguidos determinados pelos governantes, compostas também por práticas com finalidades educativas por parte da escola. Para a análise dessas festas escolares no período escolhido, a autora a considerara em dois pontos: como integrantes de um processo de construção da cultura escolar e no projeto do ideário republicano para a educação pública paulista. A sociedade indicava o que precisava ser ensinado nas instituições e estas apreendiam esses objetivos. Assim como a cultura escolar, as festas alteram seus componentes, funções e objetivos com o decorrer dos anos. A relação entre festa e política ficou evidenciada na comemoração dos ideários republicanos, em que eram escolhidos o que e como as pessoas deveriam comemorar as datas cívicas. A organização dos calendários dos estabelecimentos de ensino contava

previamente por datas a serem comemoradas obrigatoriamente: comemoração dos pioneiros da Independência, descoberta do país, fraternidade dos brasileiros, comemoração da República, da Liberdade e da Independência dos povos americanos, Independência do Brasil, Proclamação da República e Festa da Bandeira. As festas cívicas eram momentos de ensinar à população o ideário republicano, suas normas, valores e comportamentos adequados ao cidadão civilizado, além de propagarem o patriotismo e nacionalismo, estes celebrados principalmente com o culto à natureza. O amar e cuidar da natureza influenciou algumas festas em escolas paulistas, como das aves e da árvore. As festas de inaugurações de escolas, aniversários, formaturas e início e fim dos anos letivos publicizam as mudanças ocorridas no sistema público de ensino. As escolas organizaram também a celebração de outras datas, como o dia da criança, o diada instrução e o centenário da Independência do país, entre outras. Muito mais do que um momento de descontração, as festas eram repletas de ensinamentos, questões, valores e atitudes aceitas socialmente. Cabe aqui frisar que nem todos promoveram os festejos nesse padrão: alguns gestores valiam-se delas para se promoverem socialmente e profissionalmente; os inspetores de ensino as utilizavam para averiguar o nível do ensino; os professores, para demonstrar os avanços dos alunos; e os alunos, como momentos especiais, corresponsáveis pelo seu sucesso.

Cândido e Catani (2017) investigaram a constituição do elemento festas na educação, em sua diversidade de configurações, buscando evidenciar sua origem no ambiente escolar e lugar na cultura escolar no sistema de ensino público do Estado de São Paulo.

Utilizaram como fonte jornais educacionais veiculados entre o final do século XIX e início do século XX e documentos que regulamentavam o ensino. Num primeiro momento, as festas foram tidas como um meio de propagar o ideário republicano e publicizar a escola pública. Ulteriormente, com a contestação desses objetivos, elas prosseguiram, mas com distintos significados e finalidades. As autoras atribuem “essas alterações no papel das festividades à própria assimilação dessas à cultura escolar” (CÂNDIDO E CATANI, 2017, p. 20). As festas, investigadas no contexto educacional, permitem conhecer um conjunto de ações que por vezes se correspondem, por vezes se contrariam, mas que se tornam responsáveis pela sua continuidade na cultura escolar e de suas recriações, de modo a atender as demandas sócio-históricas vividas. Referente à São Paulo, essas celebrações propiciaram conhecer as questões educacionais cruciais e seus canais de debate, além dos cidadãos autorizados a fazê-los. Apesar de aparentarem ser um momento divertido e tranquilo, elas eram tomadas por questões importantes, como a organização dos sistemas de ensino, os espaços ocupados por cada escola, como também suas estruturas organizacionais e os posicionamentos profissionais e pessoais dos professores.

Pela aproximação dos históricos de Portugal e Brasil, a história das festividades escolares entre esses dois países foi alvo de uma escrita comparada no recorte temporal de 1890 a 1920. Cândido (2019) se ateve a reconstituir o objeto festa nos dois países e também a entender o papel que as festividades carregaram nos projetos educacionais, seus ritos, elementos em comum e como se alteraram com o passar do tempo. Em comum, a partir do momento em que esses países procuraram modernizar a

sociedade, implementando um sistema público de ensino, detectaram-se comemorações que celebravam a instituição escolar, motivadas em aprimoramentos na estrutura física, aniversários das escolas, formaturas e finalização do ano letivo, ou aprimoramento de espaços físicos, ou ainda, a construção de um imaginário positivo ao regime republicano e de um sentimento de patriotismo a partir das festas com culto à natureza. Na diferenciação, foram notadas festividades cuja motivação seria bem particular ao histórico de cada país, como por exemplo festas beneficentes em Portugal, o culto à personagens históricos em festas cívicas e a ênfase à finalização dos anos letivos no Brasil. As festas também propiciavam a aprendizagem do que era preconizado nos currículos escolares e lições sobre moralização e forma de comportamento das crianças.

Cândido (2021) recentemente decidiu por analisar como foram produzidas as teorizações que cooperaram na criação do conceito de festas pedagógicas a partir das ideias escolanovistas publicadas em revistas de ensino e manuais pedagógicos veiculados no final do século XIX e início do século XX. Para essa investigação, foram utilizados os argumentos expressos pelos educadores como Jonh Dewey, Lourenço Filho, Adolpho Ferrière e Édouard Claparède. Assim, constatou-se que as festividades que fazem parte da cultura escolar foram normatizadas e tiveram várias práticas que objetivavam a consecução das intenções políticas e educacionais do país. Inicialmente, forneceram o ambiente ideal para a legitimação das realizações políticas neste âmbito, como inaugurações de obras e aniversários de escolas construídas no começo republicano, depreendido por meio de estudos das notícias do periódico A

Eschola Publica (1893-1897), e, posteriormente, foram detectadas em anos seguintes à publicação em revistas educacionais, de celebrações relacionadas ao movimento da Escola Nova, na Revista de Ensino (1902-1918) e Revista Escolar (1925-1927).

Vários pesquisadores se atermam a perquerir as festas escolares em âmbitos locais. Brazil e Silva (2012) num estudo sobre o histórico da instalação do ensino primário na cidade de São Luiz de Cáceres, no Mato Grosso, concluíram que a escola era o centro principal da “expressão do imaginário social” e lugar específico da ação política da República. Era um local de escolarização e que ao mesmo tempo atingia os cidadãos com os princípios que se deseja inculcar na sociedade. Na análise feita entre 1910 a 1913, as festas e rituais tiveram um caráter simbólico, com comemorações que exaltavam a pátria, realizadas de acordo com uma orientação oficial, visto que tinham uma função política buscando perpetuar os valores republicanos e desenvolver o amor a pátria e o civismo. As festas, exposições, desfiles e comemorações cívicas se tornaram especiais na vida dos alunos, famílias e da escola, fazendo com que esta ganhasse mais força e visibilidade naquele local.

DegenalSilva (2017) examina os caminhos tomados pelas festividades cívicas Sergipanas no período de 1923 a 1930. Buscou-se identificar quem eram os participantes desses eventos, as instituições escolares envolvidas, os significados e representações naquele período da história. Como desfecho dessa investigação, as fontes mostram que antes da instituição dos grupos escolares no ano de 1911, as festas cívicas aconteciam por patrocínio de alguns indivíduos e empresas privadas. Entre 1911 e 1922, muitas festas aconteceram com

iniciativa do governo e das escolas. Após 1922, as festividades cívicas voltavam a acontecer nas ruas, mas agora individualmente: uma passeata cívica e uma escola. A partir de 1930, as comemorações cívicas voltaram. Os alunos participantes iam para as passeatas cívicas e colaboravam na construção de uma memória de civilidade.

Em sua tese, Gerken (2009) se propôs a analisar os sentidos festividades escolares ocorridas na rede pública de ensino primário de Minas Gerais, entre os anos de 1906 a 1930. Além disso, a autora também pretendeu identificar deslocamentos nesses anos e verificar novas celebrações incorporadas ao calendário escolar. Assim, detectou que as festas foram incorporadas aos calendários da rede pública primária mineira para possibilitar que a sociedade se tornasse civilizada, comportamento que contribuía com a valorização dos ideais republicanos. Houve algumas tensões em relação ao uso de simbologias que exaltavam a nacionalidade. Também se perceberam mudanças no calendário de festas ocasionadas por duas reformas educacionais, com a incorporação do Dia da Bandeira, Dia da Árvore, a mudança da celebração da Proclamação da República de 15 para 19 de novembro e a celebração do Dia das Mães sempre na primeira quarta de maio. Pela análise documental, as festas tinham todo um regulamento a ser seguido, com condutas e costumes semelhantes. Foram identificadas passeatas, bandas musicais, clubes literários, homenagens aos políticos, distribuição de lanches e até mesmo roupas para os alunos, num esforço de deixar algumas datas marcantes na memória das crianças. A escolha de políticos e outras figuras homenageadas ratificou o valor dado às ideologias defendidas por estes. Nota-se também gestos militarizados em meninos e

meninas, com programações que exaltavam valores patriotas. As práticas festivas eram inicialmente realizadas externamente à escola, e, ao longo do tempo, houve a mudança para espaços internos. Com essa mudança, a preocupação com a comunicação com as crianças e a preparação do visual da festa se tornaram maiores.

Azevedo e Santos (2017) analisaram as festas escolares e sua relação com a sociedade, ocorridas nos grupos escolares do Rio Grande do Norte entre os anos de 1908 e 1930. As fontes mostraram que as festas influenciavam a população a internalizar que a República, sob o lema da “Ordem e Progresso”, seria a ponte para o desenvolvimento do país. Essas festas, organizadas com as referências dos grupos escolares, difundiam os ideais para a população e publicavam as ações do governo nas instituições de ensino; contavam sempre com autoridades e figuras importantes naquela localidade. As atividades das celebrações se dividiam em exposições de tarefas feitas pelos estudantes, entrega dos certificados de conclusão, prêmios e homenagens aos alunos com melhor desempenho, recitação de poesias, monólogos, apresentações teatrais e de músicas, além de discursos de professores e representantes do governo. Cabia aos jornais o papel de divulgar essas ações, e então apresentavam em suas páginas toda a descrição das festividades escolares, expondo o funcionamento das instituições e dos grupos escolares. Nos relatos das festas escolares era possível ter uma visão da cultura escolar e dos direcionamentos pretendidos aos participantes, que, naquela época, visavam à formação de cidadãos patriotas, disciplinados e enfileirados, que cantavam hinos e demonstravam seu amor à pátria.

Em sua dissertação, Araújo (2021) analisou as festas escolares promovidas pelo Grupo Escolar Felipe Camarão no município de Ceará-Mirim-RN, na delimitação temporal de 1912 a 1939, ano de criação do estabelecimento e ano em que este mudou de nome, respectivamente. O autor afirma que a instalação desse grupo agregou-se ao processo modernizador pelo qual a cidade passava. As dependências escolares fixadas no centro da cidade, o brasão da República em sua porta, seus conteúdos disciplinares, normas e valores objetivavam inculcar na população ideários patriotas e civilizatórios. Esse estabelecimento era referência no estado e suas ações educavam o modo como os ceará-mirienses deveriam se comportar a todo instante. Era um local de disseminação dos ideais republicanos, que calharam na constituição de sua cultura escolar. Ele identifica também a preocupação com a criação de um calendário que divulgasse as festas escolares. Celebrar era uma tática para repassar ensinamentos que constituiriam uma cultura escolar cívica, tanto para usuários internos como também externos à instituição. Essas festividades eram normatizadas por imposições do Estado, demonstrando o exemplo a ser seguido pelos alunos e todo o público-alvo das celebrações. O Grupo Escolar Felipe Camarão foi o pivô da celebração de festas cívicas nas ruas da cidade. Era nítida a apresentação à população, através das festividades, de ideais higienistas preocupados com a formação de corpos fortes e limpos. Além do aspecto físico dos alunos, a instituição se preocupava com a apresentação de discursos de autoridades, ritos embelezados, participação de pessoas de renome e culto aos símbolos da pátria. Outro aspecto destacado na pesquisa foi a importância que a escola atribuiu aos registros festivos escolares, que

funcionavam como uma prestação de contas ao Estado, que constantemente vistoriava todas as ações da instituição.

Noutra análise, no contexto de duas instituições de uma mesma rede, Silva e Ribeiro (2010) estudaram as festas escolares promovidas nos Colégios das Irmãs Piauienses, que são situados nas cidades de Teresina e Parnaíba, no período de 1906 a 1973. Os autores apresentaram os hábitos adotados nas escolas, de que modo as celebrações se inseriram nas rotinas escolares e como as estudantes dessas instituições experienciaram e sentiram esses momentos. Essas escolas eram confessionais católicas e visavam a formação integral das alunas, com valores cristãos e humanos, tendo embasamento na lei de ensino que vigorava à época. Na fala das alunas, constataram que o período em que elas estavam no colégio era uma intercalação de horários de aula e festas, sendo estas estrategicamente organizadas de modo a formar as mulheres moralmente, religiosamente e intelectualmente. O acesso aos estudos das mulheres piauienses e a progressão de seus anos de estudos suscitaram mudanças em vários campos de suas vidas, e essas transformações refletiram na sociedade piauiense. Essas festas eram exceções, mas momentos de publicização das escolas à comunidade, de modo a divulgar os resultados do ensino ali prestado. Os autores ainda afirmam que as festividades eram instrumentos de formação educacional, constituíam a cultura escolar e eram eventos imprescindíveis ao cotidiano escolar.

As festas escolares durante o período do Estado Novo

O Estado Novo foi um período marcado por um regime ditatorial comandado por

Getúlio Vargas, tendo duração entre 1937 a 1945. Notamos a publicação de variadas pesquisas em diferentes localizações tendo como foco esse momento histórico. Com a finalidade de investigar o papel da educação nas festas cívicas do Dia do Trabalho e da Semana da Pátria durante o Estado Novo em Minas Gerais, Vaz (2006) teve como objetivo geral perceber de que modo essas festas validaram os ideários relativos ao trabalho e a fé patriótica na infância, sendo o ambiente escolar um meio efetivo para a instrução da população por meio da participação destes nessas celebrações. Os estudos apontaram que estas festividades foram momentos de aclamação da pátria e difusão da política que vigorava no período do Estado Novo. A escola foi instrumento de investimentos do governo no sentido de valorizar as celebrações patrióticas na construção da nação pelo contexto escolar. Sua exteriorização, a partir dos desfiles, apresentava a escola como um modelo de educação para a nação e revelavam a aproximação dela com outros grupos sociais. Essas comemorações eram objeto de intenso planejamento de intervenção pedagógica, visando a ampliação do ideal de trabalho em conformidade com a normatização do regime. Vários materiais didáticos e extra-didáticos foram construídos e circulados no país. Nos discursos e práticas educativas executados durante as comemorações, eram notadas referências à religião, retratando como os valores eram difundidos para com a comunidade escolar.

Utilizando esse período histórico, Melo (2009) investiga a construção da memória piauiense em relação às festividades cívicas e suas tradições, com a participação direta ou indireta da escola, perpassando pelas festas de 7 de setembro, da árvore, de inaugurações, colações de grau, desfile da juventude e do panamericanismo,

homenagens às autoridades, aniversários de governantes e do Estado Novo, todas estas cumpridas no calendário escolar. Com a análise das fontes, constatou-se que o ensino primário à época era tido como moderno, e formou “indivíduos que formaram as instituições” (MELO, 2009), tornando os sujeitos civilizados, patriotas e nacionalistas. As festas divulgavam o trabalho desenvolvido na escola, visando atrair a população para a escolarização de crianças e jovens e a consequente participação e respeito pelas datas celebradas, construindo assim uma tradição. As ruas eram os canais dos espetáculos cívicos e os participantes acreditavam nas histórias contadas como verdades absolutas e inquestionáveis, tal como os valores religiosos internalizados por estes. A memória cívica, produzida a partir das celebrações cívicas, teve participação intensa dos atores da escola, como professores e alunos, que estiveram presentes tanto nas festividades realizadas nas ruas, como nos prédios escolares. As tradições postas nessa pesquisa têm origem em períodos anteriores ao recorte desta análise, visto a adição de novas datas comemorativas aos calendários a partir de 1930. Os cidadãos eram “convidados” a preparar as festas e tinham a ideia ilusória de que participavam ativamente da política, na formação de meninos e meninas civilizados, patriotas e nacionalistas. São apuradas que as tradições criadas que possuem maior duração, foram aquelas incorporadas nos currículos e calendários escolares.

Souza (2013) também delimitou seu recorte temporal no regime do Estado Novo (1937-1945), e investigou as celebrações cívico-escolares em Santos-SP, objetivando elencar as efemérides cívicas, apresentar o modo como elas eram comemoradas na cidade e compreender o sentido destinado a

elas no discurso autorizado. As fontes revelam que o calendário cívico foi associado a ferramentas que promoveram a propaganda implementada pelo Estado Novo. As práticas cívicas favoreceram a criação de uma memória coletiva sobre a nação, a união das massas populares e a aceitação do regime imposto. O Dia da Bandeira obteve maior prestígio nos anos iniciais do regime, perdendo destaque na década de 1940. A partir de 1940, foi intenso o processo de construção de um calendário comum de celebrações cívicas às escolas brasileiras. As comemorações de uma mesma data se tornam então frequentes e semelhantes em diversos anos. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial e sua aliança com os Estados Unidos da América levou à comemoração do dia do Pan-Americanismo e do 4 de julho⁷. As celebrações de efemérides militares se intensificaram e era comum a presença de autoridades militares nas escolas. A centralidade de decisões e alinhamento na rede de comando dos sistemas de educação facilitaram a disseminação da cultura cívica nas escolas do ensino público e privado de Santos. As festividades escolares eram controladas pelo estado, que estabelecia programas básicos e fiscalizava o cumprimento das determinações. Eram elementos obrigatórios nas celebrações: execução do Hino Nacional e do hino referente à comemoração; palestra acerca da data; e apresentação de recitativos pelos estudantes. A classificação sócio-econômica das instituições influenciava na constituição dos programas das celebrações. A imprensa de Santos teve papel crucial na divulgação do regime. As publicações referentes às festas

⁷ No dia 4 de julho é comemorada a independência dos Estados Unidos da América.

cívicas escolares indicavam o prestígio das instituições naquela localização.

Na Paraíba foram analisadas as festas escolares e celebrações cívicas como formas de fortalecimento do patriotismo durante o Estado Novo (1937-1945). Silva (2011) constata que as festas escolares se tornaram comuns nesse período, de modo a internalizar na população os ideais de amor à pátria e também atitudes civilizadas. As fontes revelaram algumas datas criadas no calendário cívico-escolar paraibano, sendo elas: aniversário de Getúlio Vargas, aniversário de implantação do Estado Novo, Dia da Juventude e Dia da Raça (na Semana da Pátria). A celebração da Pátria se dava numa extensa semana de programações, objetivando impressionar o público. As festividades mais evidenciadas na imprensa local foram: Dia da Pátria, Dia do Trabalho, Dia da Bandeira e Dia da Árvore. Essas festas escolares ultrapassaram as dependências escolares, se aproximando mais da população e transformando as celebrações em grandes desfiles públicos, que eram constantes na sociedade paraibana.

Os grupos escolares foram alvo de investigações em relação às festas escolares. Relativas à execução de festas por grupos durante a Era Vargas, Morais e Araújo (2020) analisaram as festividades realizadas pelo Grupo Senador Guerra (1940-1946) e Cruz (2020), a função das festividades do Grupo Barão de Mipibu (1930-1946); ambos situados no Rio Grande do Norte. Morais e Araújo (2020) demonstraram que as políticas educacionais durante o governo de Vargas foram concebidas, com um de seus objetivos, o de fiscalizar se as instituições escolares brasileiras estavam pregando ideias opostas ao que era disposto naquela administração. Essas instituições tinham o papel de construir e internalizar à população a figura de um

presidente que se preocupava com diversas causas sociais, tendo momentos nas festividades em que se liam textos e cantavam músicas em homenagem a ele. Eram reverenciados o país, seus símbolos e heróis. Assim, ficava claro o tipo de cidadão que o governo queria formar. Cruz (2020) constata que o período analisado foi permeado pela política, com foco na constituição do ideário patriótico. As festividades escolares foram empregadas como um instrumento de criação e divulgação da imagem de Vargas, sendo parte de uma política que pregava a nacionalização do ensino e a construção da imagem do presidente como um herói nacional.

Também idealizada em âmbito local, Belusso (2021) buscou entender quais foram as celebrações escolares e como se fixaram no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, em Farroupilha – Rio Grande do Sul no ano de 1942, período este de intensificação das medidas nacionalistas de Getúlio Vargas, face à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Assim, conclui que o calendário escolar ficou carregado de celebrações republicanas juntamente com rituais religiosos e outras datas foram excluídas. A diversidade étnico-cultural foi vista como uma ameaça à pátria. Os italianos foram os menos ameaçados e várias comemorações com raízes nessa nacionalidade foram aderidas no colégio, mas todas com fiscalização. O período era conturbado e várias instituições étnicas foram fechadas, mas o colégio em questão, por ser confessional, não cessou seus trabalhos e contava com o apoio da comunidade. Na análise das comemorações escolares, percebe-se a aderência da instituição à nacionalização do ensino. A realização dessas festas ocorreu tanto internamente como

externamente das dependências da escola. Várias figuras importantes compareciam às celebrações e, localmente, foi percebido destaque no ensino da língua Portuguesa.

Frankfurt (2007) investigou os procedimentos das festividades da Escola Normal de Pirassununga, no recorte de 1930 a 1950, portanto, ultrapassando o período do Estado Novo. A intenção foi analisar as práticas nas festas escolares como ferramentas da profissão docente e memorial republicano. É possível constatar que as práticas dessa instituição não estavam afastadas do projeto republicano, apesar de não aplicar exatamente todas as prescrições. Assim, muitas festas prescritas não eram realizadas, como a Festa dos Animais e o Dia da Música; no entanto, a escola promovia festas não impostas, de modo a atender as necessidades da comunidade local, como a festa da escolha da rainha dos estudantes e a formatura. As festas eram realizadas interna e externamente, preparando toda a comunidade para o progresso, inculcando seus ideais republicanos, como a adoração dos símbolos nacionais, os princípios higienistas e a religião cristã. As práticas festivas promovidas pela escola entre 1930 e 1950 tinham destaque na cidade. As festividades foram divididas pela autora em “festas do sucesso escolar” e “festas para aprender a fazer com”.

As festas escolares do pós-Estado Novo à Ditadura Civil-Militar

Abordando o período pós-Estado Novo, em pesquisa recente, Lima (2021) buscou analisar as festividades nas escolas de educação infantil que aconteceram em cinco Parques Infantis, na cidade de Sorocaba, buscando entender como as celebrações ocorriam, bem como suas configurações e

objetivos pedagógicos. Os anos estudados estiveram entre 1954 e 1988. As fontes revelaram que as festas eram parte da cultura escolar, sendo momentos preparados intensamente por diversos membros da comunidade escolar, visando reafirmar seus valores ligados à religião, ao patriotismo e nacionalismo, ensinando os conteúdos escolares; criando memória coletiva. As fontes estudadas relataram de modo distinto o objeto de estudo. As Reuniões Pedagógicas relataram a organização e relevância para as professoras; nos periódicos, os eventos eram divulgados à população; as Coletâneas Didáticas demonstravam a orientação para a condução das festas e serviam de base para trabalhar essas datas nos conteúdos didáticos. Como destaque nesses materiais, foram notadas a ênfase em explicar o motivo de cada festa e o compartilhamento de atividades modelo para serem utilizadas nas salas de aula. Os momentos registrados nas fotografias reproduziam as apresentações das crianças. O ritual das festividades ia desde preparação até a conclusão, tendo motivações diversas aos indivíduos envolvidos: os organizadores planejavam todas as ações e os participantes se divertiam. Foram averiguadas nessa pesquisa festas religiosas e cívicas, sendo estas características por seus desfiles, com maior visibilidade pela comunidade, e aquelas com inúmeros registros nos Livros Ata, fotografias e nos periódicos.

No Rio Grande do Norte, na cidade de Macau, Maia (2012) investigou o Grupo Escolar Duque de Caxias entre 1949 e 1962. O autor buscou apresentar como ocorriam as festividades escolares e suas influências políticas, culturais e sociais ao redor dessa instituição. Esse grupo se tornou um símbolo de modernização na cidade, com papel de educar e escolarizar aliado com a transmissão

de uma imagem positiva da forma de governo republicana. Suas renovações no ensino de ordem física, material e metodológicas seriam molde para outras instituições. Uma das principais atividades que divulgaria essas inovações eram as festas escolares, sendo espaços com programações que disseminavam a ordem política em voga. Todas as programações festivas dessa instituição constavam dos nomes de autoridades e pessoas de destaque naquela localidade, estando estes presentes nas celebrações e por vezes proferindo discursos e assinando as atas de registro dos eventos. As programações das festividades eram orientadas pelo governo através de normas e decretos, que determinavam o modo de condução dos eventos, prescrevendo que os docentes separassem um tempo das aulas para explicar sobre as datas celebradas e seus significados.

Silva (2009), por sua vez, expôs as práticas pedagógicas e a cultura escolar, por meio de festas e celebrações escolares, no Colégio Salesiano de Santa Teresa, que fica em Corumbá – Mato Grosso do Sul, no período de 1972 a 1987. Em 1972, é firmado um convênio entre a Missão Salesiana de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso, encerrado em 1987. As festas do calendário escolar não causavam a suspensão das atividades escolares, mas dependendo de sua importância, contavam com atividades como hasteamento da bandeira, canto de hinos, declamações de poemas, apresentações teatrais, exposição de trabalhos, competições, entre outros. Essas ações estimulavam o amor à pátria, à família e à sociedade pelos estudantes. O período escolhido pela autora perpassado pela Ditadura Civil-Militar, divisão entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e abertura política. Cada um desses períodos históricos

propiciava rituais com diferentes particularidades às festividades, seguindo regulamentos prévios. A comunidade escolar participava ativamente das celebrações e tiveram destaque no colégio as celebrações do dia de Tiradentes, fundação de Brasília, dia da Retomada de Corumbá, Semana do Exército, Semana da Pátria, Independência do Brasil, festas religiosas, Dia das Mães, Dia da Divisão do Mato Grosso com o Mato Grosso do Sul, entre outras datas comemorativas, como carnaval, páscoa, dia do trabalhador, do professor, realizados interna e externamente à escola. Segundo a autora, não se pode reduzir as festividades a apenas um ritual de controle da população, porque estas possuem função pedagógica, em que os alunos se expressavam e se divertiam.

Festas escolares específicas: o dia do professor e o dia da criança

Sobre festas escolares específicas, como dia do professor e dia da criança, foram encontrados três trabalhos, que se diferenciam dos demais por conta dessa característica.

Em uma análise com foco em reconstituir a atribuição de data específica para comemorar o Dia do Professor no Brasil, Vicentini (2012) utiliza o período de 1933 a 1963 para investigar a imagem do professorado divulgado em jornais dos estados de Guanabara (antigo Distrito Federal) e São Paulo. Em 1933, o dia do professor foi celebrado em uma missa, sendo comemorado inicialmente com influência da religião católica. A escolha da data remete à promulgação da primeira lei do ensino primário no Brasil, publicada em 15 de outubro de 1827. Mesmo com as comemorações iniciadas em 1933, foi

somente no ano de 1948 que a data comemorativa se tornou oficial. A autora evidencia todo o percurso dos significados assumidos pela data, desde sua inicial intenção de que as pessoas pudessem homenagear e expressar sua gratidão ao mestre, até se tornar um momento oportuno de dar maior visibilidade à classe, com reivindicações salariais e de melhores condições de trabalho. A celebração assumiu novos significados, mas seu objetivo precípua não foi interrompido.

Outro trabalho que versa sobre o Dia do Professor, durante a Ditadura Civil Militar (1964-1985) é o estudo de Silva (2016), que objetiva compreender a constituição dessa data na Paraíba, através do jornal A União, que era porta-voz do governo no período da Ditadura. Durante o Regime Civil Militar, os governantes publicaram, no mês de outubro, homenagens e parabenizações aos docentes através da imprensa. Durante alguns anos, essa data que seria para comemorar o professor e promover protestos por melhorias, se tornou, a partir de 1964, uma data dedicada aos militares, com encontros dos representantes do governo com os docentes. Durante todo o período da ditadura, o 15 de outubro tornou-se uma data simbólica, com comemorações oficiais. O jornal União era porta-voz dessas celebrações. O governo tinha um cuidado com essa classe, ao mesmo tempo que detinha aqueles que eram vistos como ameaça. Esse clima de tensão ficou marcado na memória e na constituição identitária do professor. Protestos e lutas por melhorias da profissão não eram divulgados no jornal até a abertura política, em 1980. Em 1984, ano marcante para a classe docente, o próprio governador da Paraíba reconhece as péssimas condições as quais os professores passavam e justifica as greves por melhores

condições salariais e de vida. Nesse mesmo ano, o governador, de modo a exaltar essa profissão, concede aumento salarial e um inédito pagamento de 13º salário. Essas ações não foram publicadas no jornal A União. A partir de 1980, o jornal passa a publicar todas as mudanças no sistema político do país, período em que o autoritarismo estaria caminhando para o seu fim, o que deu abertura para que o Dia do Professor voltasse a ser marcado por protestos.

Em relação ao Dia da Criança, Veiga e Gouvea (2000) buscaram abordar os processos de construção identitários tendo como referente a institucionalização das atividades comemorativas da infância na cidade de Belo Horizonte – MG, no período delimitado entre o fim do século XIX e início do século XX. As celebrações analisadas foram o Dia da Criança, iniciado em 12 de outubro de 1924 e vigorosamente identificado como uma festividade escolar; a atividade filantrópica das festas de Natal e os concursos de beleza infantil, instituídos após 1935. Desta maneira, o estudo desses diversos festejos comemorativos da infância revelou de que modo eles eram levados e o tratamento que as crianças recebiam de acordo com a classe social a que pertenciam. Nesse contexto, diversas adjetivações eram atribuídas ao público dessas festas, como belas, educadas, robustas, estudiosas, pobres, desvalidas, enjeitadas. Celebrar a infância neste período significava vincular as festividades com a propagação de ideais republicanos, objetivando a formação de um cidadão que incorporasse o amor à pátria e pregasse à união, apesar da marcante divisão sócio-racial. Quanto ao significado dos eventos, a institucionalização do dia da criança tem relação com o reconhecimento do lugar social da criança e de seu papel na

efetivação dos objetivos da nação, apesar de não significar necessariamente a sua valorização e sua distinção do adulto; muito pelo contrário do indicado pelas análises, as festividades pretendiam garantir a adesão das crianças a um projeto dos adultos. Por fim, os autores fazem o fechamento argumentando que muito do que acontecia naquelas festas têm reflexos até hoje, como a presença de um ideário europeizado marcado pela exclusão de determinado público.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A MODO DE CONCLUSÃO

No decorrer deste artigo buscamos empreender um balanço das pesquisas recentes sobre um tema específico da história das culturas escolares: as festas escolares. Após realizar uma leitura verticalizada dos trabalhos inventariados, é possível retomar e responder as questões enunciadas na introdução, numa leitura horizontal da historiografia compulsada.

Sobre quais festas escolares têm sido investigadas pela historiografia, pode-se afirmar que, em grande parte, são aquelas de fundo ou motivação cívica, visando celebrar no interior da instituição escolar datas do calendário nacional que buscavam evocar acontecimentos ou heróis, objetivando consolidar uma memória histórica comemorativa que tinha a escola como vetor. Mas, também, em alguns casos, foram pesquisadas festas marcadas pela comemoração de acontecimentos do cotidiano escolar, como aquelas dedicadas a festejar as formaturas, o encerramento do ano letivo ou dia da criança e dia do professor. As pesquisas inventariadas sugerem, numa perspectiva cronológica, que na história da educação brasileira ao longo

do século XX foram operando-se leves deslocamentos no ato de festejar na escola, oscilando entre festas cívicas e festejos de fenômenos eminentemente escolares, embora as primeiras nunca tenham sido abandonadas ou desaparecido do horizonte celebrativo da escola. Neste caso, com forte acento ideológico.

Em relação aos espaços geográficos mais visitados, foram localizados trabalhos abarcando quatro regiões brasileiras (Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste) e onze dos atuais vinte e seis estados da federação mais o atual Distrito Federal, indicando, com isso, haver lugares – como a região Norte – onde as festas escolares podem não ter recebido ainda tratamento historiográfico, ao menos dentro dos limites da amostra mobilizada. O Estado mais frequentado pelos estudos foi São Paulo, mas foram identificados trabalhos também abarcando os estados de Mato Grosso, Sergipe, Minas Gerais, Rio Grande do Norte, Piauí, Paraíba, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e Paraíba. A recorrência do estado de São Paulo está, em parte, relacionada ao fato de ter sido objeto de mais de uma pesquisa de uma mesma historiadora, que é referência na temática. Há, em todo caso, em termos regionais, um terreno fértil no qual estudos sobre as festas escolares podem ainda ser desenvolvidos, sobretudo, em regiões/estados que não emergiram no presente balanço historiográfico.

No que toca a periodização adotada nos estudos inventariados, chegou-se ao seguinte quadro: o período mais estudado foi a Primeira República com onze pesquisas, seguido do Estado Novo com oito trabalhos. Em relação à Segunda República (1946-1964) foram encontrados três trabalhos (um deles com recorte indo até 1988 e outro iniciando o recorte em 1933, mas indo além de 1946).

Sobre o período da Ditadura Civil-Militar, apenas dois trabalhos. Não foram localizados estudos sobre as festas escolares no período imperial. A recorrência de estudos sobre a Primeira República e o Estado Novo pode estar relacionada às ideologias nacionalistas veiculadas nesses momentos de nossa história política, que fazia reverberar nas escolas festas de caráter cívico. Mas trata-se de uma hipótese parcial, já que períodos igualmente marcados por tais ideologias – como a Ditadura Civil-Militar – foram pouco estudados pela historiografia. Talvez, aqui, outros interesses de pesquisa ou tendências historiográficas tenham influído na escolha dos historiadores por tais períodos, coisa, porém, que não é possível descobrir apenas pela leitura dos trabalhos mobilizados. Em todo caso, o que se pode afirmar com mais segurança é que há períodos nos quais o estudo das festas escolares ainda pode ser objeto de investimentos por parte dos historiadores e historiadoras da educação, particularmente no que diz respeito ao Império e os períodos pós-Estado Novo.

Sobre os aspectos da história das festas escolares que têm sido evidenciados, o mais saliente é o das festas como momentos de celebração de valores patrióticos ou ideologias políticas em circulação. Para além disso, também é inegável que as festas escolares funcionavam, por vezes, como vitrines das escolas, dando a ver à sociedade, por meio desses momentos celebrativos, o que essas instituições faziam em termos educacionais nos diversos contextos sociais em que estavam inseridas. Várias pesquisas, inclusive, flagram as festas escolares tornando-se festas sociais mais amplas, revelando, por conseguinte, os intercâmbios que se operavam entre as culturas escolares e as culturas sociais de cada momento histórico. Por fim, em alguns casos, é

perceptível também a presença da religião nas festas escolares, dando aos estudantes alguns dos motivos para seus festejos.

Que outros aspectos das festas escolares pesquisas futuras poderiam estudar?

Um primeiro aspecto que parece merecer maior atenção é o estudo verticalizado de festas específicas da cultura escolar – sejam elas festas cívicas ou festas eminentemente escolares – num mesmo período histórico em diferentes escolas, ou em uma mesma escola, em diferentes momentos de sua história institucional. De fato, investigações sobre festas como o dia dos professores e dia da criança, aqui localizadas, são ainda muito poucas se comparadas ao que a estudos que abordam diversos tipos de festejos escolares, muito especialmente aqueles de caráter patriótico.

Um segundo aspecto que se pode investir, dialogando com as histórias comparadas/conectadas, seria a comparação de festejos escolares em diferentes regiões do país. Seria as mesmas festas celebradas com os mesmos elementos em todas as partes do Brasil? Ou haveria variações de tema e ritos, que ainda não foram percebidos pela historiografia da educação? Haveria festas específicas realizadas em escolas de apenas algumas regiões, constituindo-se em festas escolares regionais/ singulares? Somente estudos comparados/ conectados poderão jogar alguma luz sobre essa questão.

Um terceiro aspecto que poderia ser objeto de estudo são as festas religiosas no interior das escolas públicas. Embora laica, sabe-se que a experiência republicana nutriu sempre uma relação promíscua com a religião, sobretudo, a católica. Que festas religiosas eram celebradas nas escolas brasileiras do passado? Como se dava a

apropriação dos motivos religiosos por parte da cultura escolar, vertendo-os em uma festa da escola? Como ritos como a primeira comunhão solene foram incorporados aos festejos escolares em escolas públicas? E o contrário, como festas com motivos eminentemente laicos eram celebradas em instituições confessionais? Operavam-se rearranjos ou reinterpretações no modo de celebrá-las de acordo com os interesses das diferentes confissões responsáveis pelas instituições escolares? Também aqui há um campo fértil para análises que venham a ser desenvolvidas.

Para concluir, pode-se afirmar que as festas escolares constituem-se numa temática que se pode considerar consolidada no campo da história da educação brasileira – particularmente em diálogo com as culturas escolares – mas que ainda está aberta a novos olhares por parte dos historiadores e historiadoras da educação interessados em compreender a escola de outros tempos, por meio daquilo que ela celebrava e festejava em determinados momentos da vida escolar.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Um balanço da produção recente sobre a institucionalização da escola primária na Província do Paraná (2000-2015). **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, v. 12, p. 1-23, 2017.
- ARAÚJO, Iury Gabriel Amorim de. **As festividades do Grupo Escolar Felipe Camarão (1912-1939)**. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2021.
- AZEVEDO, Cristiane Barbosa de. SANTOS, Rosa Milena dos. Vitrine do ensino primário no início do século XX: os grupos escolares do Rio Grande do Norte em forma de celebração. **Revista Crítica Histórica**. V. 8, n. 16, p. 307–333, 2017.
- BASTOS, Maria Helena Câmara. O que é a história da educação no Brasil hoje? Tempos de reflexão. **Espacio, Tiempo y Educación**. Madrid, v. 3, n. 1, p. 43-59, jan.-jul. 2016.
- BELUSSO, Gisele. As festas escolares de 1942: Colégio Nossa Senhora de Lourdes. **Argumentos Pró-Educação**, V. 6, 2021.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. A escrita da arquitetura escolar na historiografia da educação brasileira (1999-2018). **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá, v. 19, p. 1-26, 2019.
- BRAZIL, Maria do Carmo; SILVA, Adriane Cristine. Rituais, festas e lira cacerense: Iniciativas de implantação da escola primária republicana na fronteira Brasil Bolívia (1910-1913). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 12, n. 45, p. 310–329, 2012.
- BUFFA, Ester. Os 30 anos do GT de História da Educação da ANPED: sua contribuição para a constituição do campo. **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá, v. 16, p. 393-419, 2016.
- CÂNDIDO, Renata Marcílio. CATANI, Denice Barbara. Inculcar a seriedade mediante a alegria: um estudo das comemorações escolares no campo educacional (Finais do século XIX e início do XX). **Revista de História e Historiografia da Educação**. Curitiba, v. 1, n. 3, p. 30-52, set.-dez. 2017.
- CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930)** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- CÂNDIDO, Renata Marcílio. Festejar aqui e lá: a escrita comparada das festas escolares no

Brasil e em Portugal (1890-1920). **Revista Brasileira De História Da Educação**, 19, e066, p. 1-21, 2019.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. Garantir o interesse e a atividade da criança: as festas escolares e o ideário renovado de ensino (finais do século XIX e primeiras décadas do século XX). **Horizontes**, V. 39, n. 1, 2021.

CATANI, Denice Bárbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: história e historiografia da educação brasileira nos anos 1980 e de 1990. In: GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 85-110.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CRUZ, Paula Lorena Cavalcante Albano da. As festividades escolares na construção da imagem de Getúlio Vargas no Grupo Escolar Barão de Mipibu (1930-1945). **Humanidades e inovação: Histórias de ensino no Brasil**. V. 7, n. 11, 2020.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FRANKFURT, Sandra Herszkowicz. **As práticas das festas escolares na Escola Normal de Pirassununga (1931-1950)** (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política e Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

GERKEN, Maria Aparecida de Souza. **Entre bandeiras, árvores e bonecas: festas em escolas públicas primárias em Minas Gerais (1906-1930)**. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

GONDRA, José Gonçalves (org.). **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; FERREIRA JR, Amarílio. O campo da história da educação no Brasil: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. **Avaliação**. Campinas, v. 15, n. 3, p. 167-184, nov. 2010.

LIMA, Priscila Carriel de. **As Festas Escolares nos Parques Infantis Sorocabanos: Memórias e Imagens (1954 - 1988)**. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2021.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Território Plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

MAIA, Sebastião Alves. **Grupo Escolar Duque de Caxias festas escolares: uma celebração de múltiplos significados - 1949 1962**. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

MELO, Salania Maria Barbosa. **A construção da memória cívica: as festas escolares espetáculos de civilidade no Piauí (1930 - 1945)**. (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

MORAIS, Janaína Silva de; ARAÚJO, Nanael Simão de. Festas escolares do Grupo Escolar Senador Guerra durante a Era Vargas (1940-1946). **Research, Society and Development**. V. 9, n. 9, 2020.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza. **História das práticas pedagógicas e cultura escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa, Corumbá - MS (1972-1987)**. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em

Educação da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

SILVA, Degenal de Jesus da. A escola invade as ruas: passeatas cívicas dos grupos escolares sergipanos. Civismo e patriotismo no espaço urbano. **Revista de História e Historiografia da Educação**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 229-240, jan.-abr. 2017.

SILVA, João Batista Barbosa da. **As representações do dia do professor no jornal A União durante o Regime Civil Militar brasileiro (1964-1985)** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Historiografia. In: **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 189-193.

SILVA, Samara Mendes Araújo; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Parece que vivíamos em festa! Rotina e festas escolares no Colégio das Irmãs Piauienses. (1906-1973) In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. INFÂNCIA, JUVENTUDE, E RELAÇÕES DE GÊNERO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8. **Anais...** São Luiz, 2010.

SILVA, Vânia Cristina da. **"Ó Pátria amada, idolatrada, salve, salve!" Festas escolares e comemorações cívicas na Paraíba (1937-1945)** (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011.

SOUZA, Manoel Pereira. **"Nossa Pátria, nossa Bandeira, nosso chefe": as comemorações cívicas nas escolas de Santos durante o Estado Noco (1037-1945)**. (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos. Santos, 2013.

SOUZA, SauloéberTarsio de. Historiografia educacional no Brasil: reflexões a partir das publicações da Revista História da Educação (ASPHE, 1997-2006) e dos Cadernos de História da Educação (UFU, 2002-2011). **Histela**. Natal, v. 2, p. 2-28, 2019.

VAZ, Aline Choucair. **A escola em tempos de festa: poder, cultura e práticas educativas no Estado Novo (1937-1945)**. (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

VEIGA, Cynthia Greive. GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. **Educação E Pesquisa**, V. 26, n. 1, p. 135-160, 2000.

VICENTINI, Paula Perin. Celebração e visibilidade: O Dia do Professor e as diferentes imagens da profissão docente no Brasil (1933-1963). **Revista Brasileira De História Da Educação**. V. 4, n. (2 [8]), p. 9-41, 2012.

VIEIRA, Carlos Eduardo et. al. The processes of internationalization of history of education journals in Brazil (1997-2016). **Bildungsgeschichte: International Journal for the historiography of education**. Zurique, v. 2, p. 156-170, 2019.

WARDE, Mirian Jorge. As revistas de educação e ensino como objeto de historiadores da educação (Brasil, 1988-2021).

History of Education & Children's Literature. Macerata, v. 16, p. 35-66, 2021.